

LOGÍSTICA E USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO: UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DO GRUPO BP BUNGE BIOENERGIA

Matheus Eduardo Souza Teixeira
Universidade Federal de Goiás (UFG)
matheuseduardo002@gmail.com

Resumo: Grandes grupos empresariais possuem o poder de acionar diferentes espaços e comandar a produção, conforme seus interesses, elaborando divisões do trabalho particulares, o que poderíamos, com Milton Santos, reconhecer com um uso corporativo do território. Dessa maneira, o objetivo deste estudo foi avaliar como a logística de exportação de derivados de cana-de-açúcar pelo Grupo BP Bunge Bioenergia revelam características e estratégias de racionalização da produção e uso corporativo do território. É neste contexto que compreendemos que a divisão territorial do trabalho estabelecida no interior da corporação é reveladora do poder da empresa ao controlar uma produção complexa, em extensas porções do território. Tal poder, próprio dos agentes multinacionais, é de certo modo ampliado e multiplicado, seja pela estratégia de diversificação dos negócios no interior do próprio setor, explorando o caráter de *flex crop* da cana-de-açúcar, por exemplo, com a produção e comercialização de energia elétrica, mas também em estratégias inovadoras, como é o caso da comercialização e exportação da produção de açúcar por terceiros. Portanto, as estratégias elaboradas pelo Grupo BP Bunge no âmbito logístico estão condicionadas no sentido de potencializar lucros diante de uma ação coordenada no território que permite uma maior atuação do grupo.

Palavras-chave: uso corporativo do território; logística; setor sucroenergético.

LOGISTICS AND CORPORATE USE OF TERRITORY: A CASE STUDY OF THE BIOFUELS COMPANY BP BUNGE BIOENERGIA

Abstract: Large business groups have the power to activate different spaces and command production, according to their interests, creating particular divisions of labor, which we could, with Milton Santos, recognize as a corporate use of the territory. Therefore, the objective of this study was to evaluate how the logistics of exporting sugarcane derivatives by the BP Bunge Bioenergia Group reveal characteristics and strategies for rationalizing production and corporate use of the territory. It is in this context that we understand that the territorial division of labor established within the corporation reveals the company's power in controlling complex production, in extensive portions of the territory. Such power, typical of multinational agents, is in a certain way expanded and multiplied, whether through the strategy of business diversification within the sector itself, exploiting the flex crop character of sugar cane, for example, with the production and commercialization of electrical energy, but also in innovative strategies, such as the commercialization and export of sugar production by third parties. Therefore, the strategies developed by the BP Bunge Group in the logistics sphere are conditioned to increase profits through coordinated action in the territory that allows the group to operate more effectively.

Keywords: corporate use of the territory; logistics; sugar-energy sector.

INTRODUÇÃO

Grandes corporações, especialmente as multinacionais, se inserem no processo de globalização de forma facilitada e acatam, sobretudo, interesses e reclamos de espaços longínquos, em detrimento dos lugares que ocupam no território. Tal postura não é diferente no setor sucroenergético (produção de cana-de-açúcar e derivados). Em que pese a importância do mercado brasileiro para o açúcar e, sobretudo, para o etanol, a competitividade dos agentes do setor é significativa e exige posturas orientadas para a exportação, sempre que o preço da *commodity* figura como vantajoso, ou ainda em função da oferta de demais países produtores.

Assim, frente ao sistema de movimentos que se estabelece no interior do país para viabilizar a produção do setor, voltado ao abastecimento do mercado interno, também é elaborado um movimento maior que, no caso do Grupo BP Bunge Bioenergia, é, até agora, muito mais importante, visando atender a demandas externas. É isso o que se observa a partir das estratégias e necessidades de exportação da produção realizada pelo Grupo BP Bunge, revelando uma lógica corporativa e extravertida de tais movimentos, sobretudo para o açúcar.

Para tal, a logística torna-se fundamental para a circulação de mercadorias do Grupo BP Bunge Bioenergia, diante da necessidade de movimentar a produção de açúcar, etanol e cogeração de energia. Castillo (2004, p. 83), compreende a logística “como o conjunto de processos, procedimentos e ações que visa organizar e otimizar o movimento de produtos, desde o fornecimento de insumos até o consumo final”.

É neste sentido que a logística consiste em um componente imprescindível das grandes empresas, seja para a instância produtiva, seja para a da circulação de mercadorias, compondo um mecanismo importante e revelador das estratégias de uso corporativo do território.

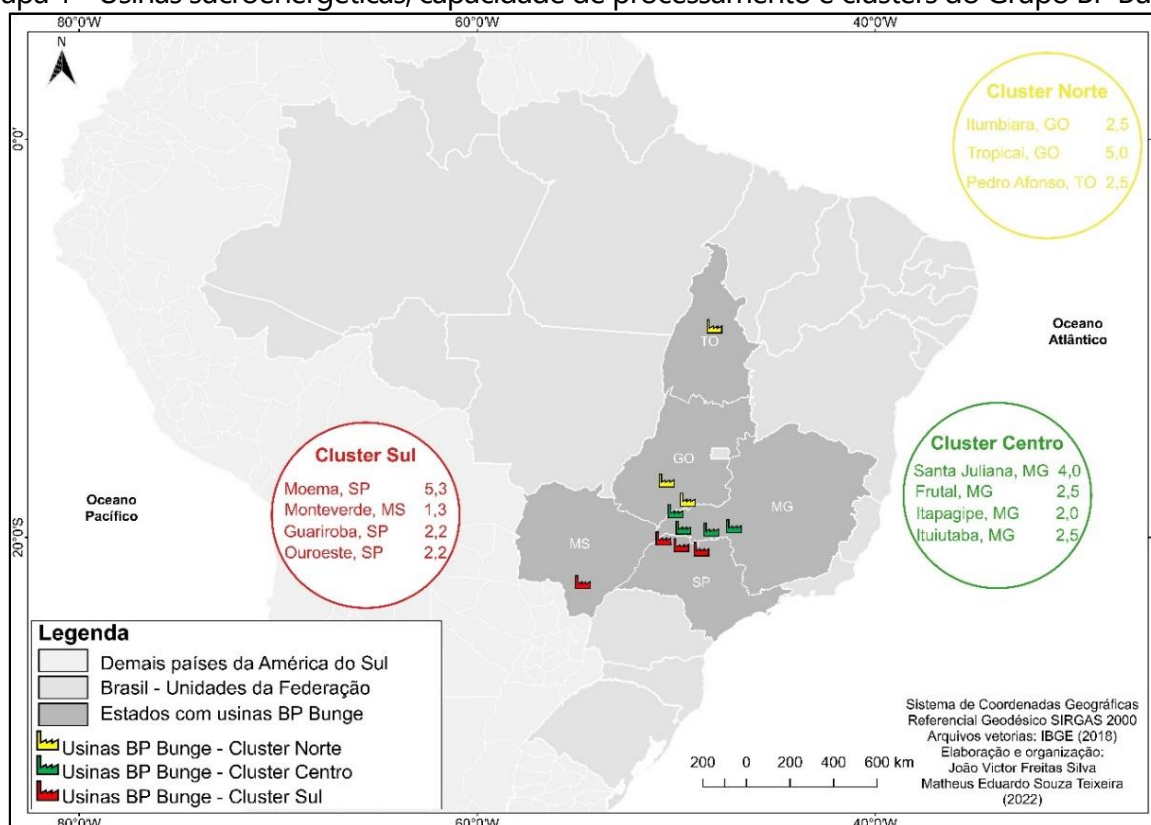
Tal circunstância também se aplica à análise do Grupo BP Bunge, que precisou encadear uma série de estratégias relacionadas à gestão, como uma alternativa à conjuntura

adversa que se apresenta ao setor sucroenergético. Aproveitando-se de sua condição de concentração de parcela expressiva da produção nacional, a empresa incorpora um conjunto de ações, refletindo em esquemas logísticos que permitem a otimização de recursos, bem como o aumento de suas receitas, estratégias que compõem todas as áreas produtivas (açúcar, etanol e cogeração de energia).

Desta maneira, o objetivo deste artigo é avaliar como a logística de exportação de derivados de cana-de-açúcar pelo Grupo BP Bunge Bioenergia revelam características e estratégias de racionalização da produção e uso corporativo do território.

A BP Bunge controla 11 unidades agroindustriais sucroenergéticas no território brasileiro, inseridas em cinco estados: Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Tais unidades são divididas em três conjuntos, o chamado *cluster* norte, com as unidades Tropical, Itumbiara e Pedro Afonso (estados de Goiás e Tocantins); o *cluster* centro, por meio das unidades Ituiutaba, Santa Juliana, Frutal e Itapagipe (estado de Minas Gerais); e por fim, o *cluster* sul, com as unidades Moema, Monteverde, Guariroba e Ouroeste (estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul) (Teixeira, 2024).

Mapa 1 - Usinas sucroenergéticas, capacidade de processamento e clusters do Grupo BP Bunge



Fonte: elaborado pelo autor.

Os procedimentos metodológicos incluíram revisão bibliográfica acerca da temática, avaliando questões referentes à dinâmica produtivas do setor sucroenergético brasileiro na atualidade, sobretudo a partir de uma análise da comercialização e do escoamento da produção. Em seguida, efetuou-se a coleta e análise de dados relacionados à produção do Grupo BP Bunge Bioenergia, bem como da comercialização dessa produção, divulgados pela própria empresa. De modo complementar aos levantamentos de dados secundários, realizou-se trabalhos de campo no recorte empírico de análise, em boa parte dos municípios e regiões que abrangem a área da atuação das unidades sucroenergéticas da BP Bunge – visando levantar informações específicas sobre as atividades nas regiões acionadas pelo grupo.

Para além desta introdução e das considerações finais, a artigo é composto por outras três seções que tratam dos esquemas logísticos de circulação da produção do Grupo BP Bunge. Na primeira, contextualizamos a logística de movimentos para o açúcar, revelando

também estratégias de aquisição de mercadoria como forma diferenciada e complementar de acumulação. Na segunda seção, evidenciamos o mercado e a logística do etanol do Grupo BP Bunge. Por fim, a terceira parte do artigo revela os esquemas de cogeração de energia elétrica do grupo, apontando a produção e comercialização de bagaço de cana-de-açúcar.

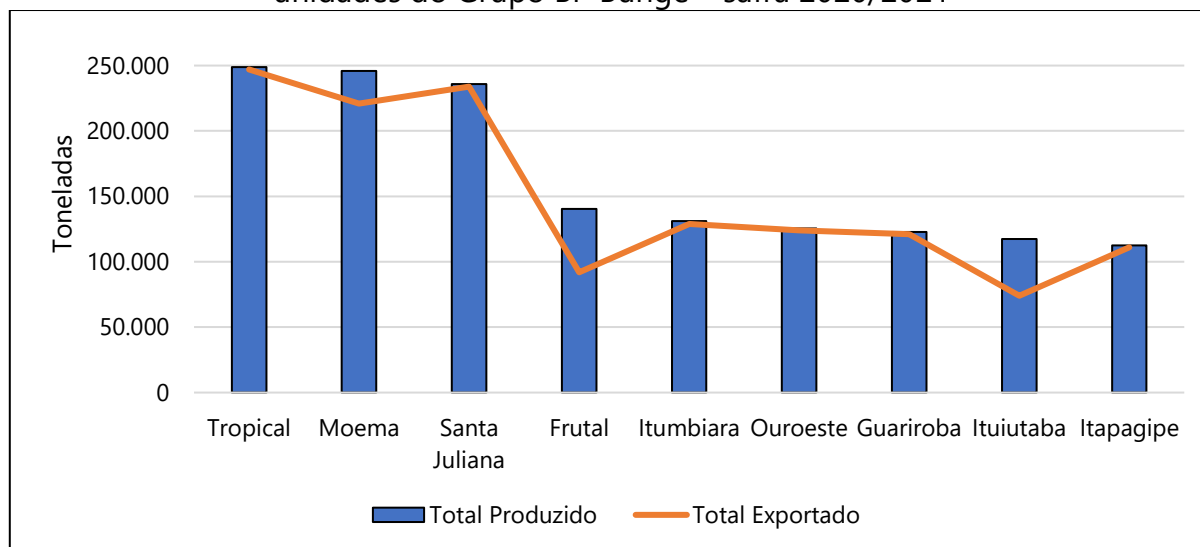
LOGÍSTICA DE MOVIMENTOS PARA O AÇÚCAR

O açúcar é *commodity* importante para os resultados do setor sucroenergético, especialmente porque é menos exposto às oscilações típicas do mercado de combustíveis, figurando como importante produto para a BP Bunge Bioenergia.

O açúcar ocupa a segunda colocação dentre as *commodities* agrícolas exportadas pelo Brasil (superado apenas pela soja), reflexo do crescimento da produção e da demanda internacional pelo produto (Bueno, 2012). Atualmente, o país figura como maior produtor e exportador mundial de açúcar, sendo que, na safra 2020/21, alcançou aproximadamente 23% da produção mundial, respondendo por 51,3% do comércio global do produto. A forte desvalorização do Real frente ao Dólar a partir do início de 2020 favoreceu as exportações brasileiras, impulsionando ainda mais a produção do açúcar (Vidal, 2022). A partir desse contexto, a logística torna-se pauta fundamental na garantia de competitividade do açúcar brasileiro no mercado internacional, constituindo uma parcela importante dos custos de exportação do produto (Bueno, 2012).

O necessário movimento de exportação pode ser elucidado com a produção da safra 2020/2021 do Grupo BP Bunge, cuja parcela significativa da produção de açúcar fora destinada ao mercado externo, conforme aponta o gráfico 1. Tal é a condição para o estabelecimento de um conjunto de movimentos que, do interior do país, alcança mercados longínquos no exterior.

Gráfico 1 – Quantidade produzida e exportada de açúcar pelas unidades do Grupo BP Bunge – safra 2020/2021



Fonte: BP Bunge (2022). Org. do autor, 2022.

O Grupo BP Bunge produziu cerca de 1,45 milhão de toneladas de açúcar na safra de 2020/2021, dos quais 94% foram destinados para o mercado externo, revelando o quanto o mercado interno para a empresa aparece como residual – trata-se da condição de afirmação do Grupo BP Bunge no setor sucroenergético brasileiro, exigindo do mesmo um patamar de produtividade e competitividade maior, visto que o mercado interno (e próximo dos espaços de produção, portanto), é extremamente disputado por outros grandes grupos do setor no país.

Das nove¹ usinas mencionadas no gráfico, seis usinas exportam mais de 98% de sua produção de açúcar. A usina Moema, no interior de São Paulo, foi responsável pela comercialização de 10% de todo o açúcar produzido pela BP Bunge e distribuído no mercado interno. As usinas de Frutal e Ituiutaba venderam 35% e 37% de sua produção de açúcar, respectivamente, também no mercado interno.

A este movimento realizado para abastecer indústrias localizadas no país, se soma um fluxo muito maior, cujo destino é a exportação, o que implica em volume significativo

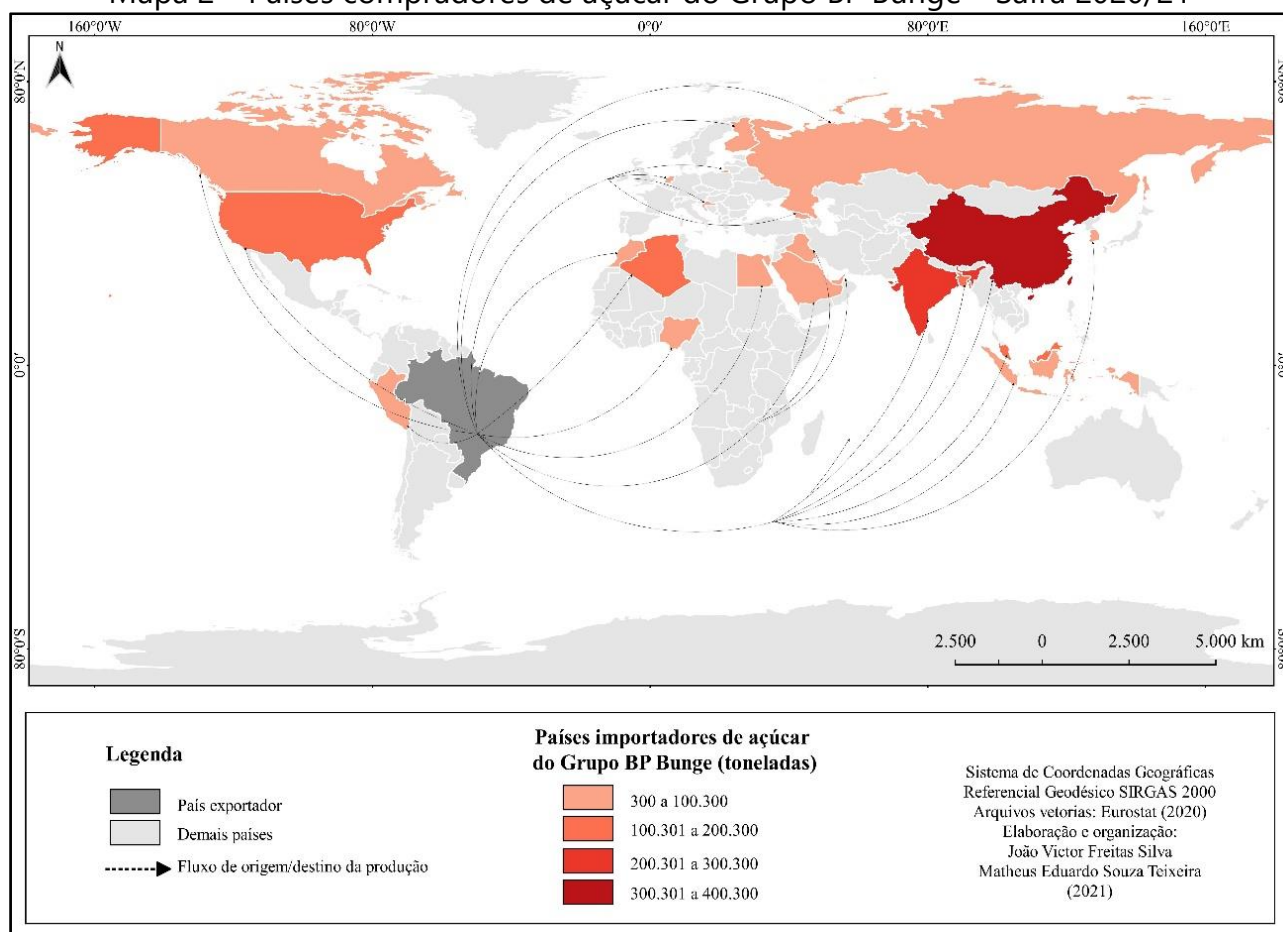
¹ As usinas Pedro Afonso e Monteverde não possuem operação mista (açúcar e etanol), produzindo apenas etanol e energia, portanto, não são mencionadas no gráfico como exportadoras de açúcar.

de cargas iniciado nas nove unidades agroindustriais produtoras de açúcar com destino a Santos-SP, a partir de modal rodoviário e ferroviário, onde os embarques de exportação são finalizados.

O açúcar produzido nas usinas é transportado até as áreas de transbordo, isto é, terminais ferroviários que servem para armazenar o produto, para posteriormente seguirem até o Porto de Santos-SP, de onde embarcam para os destinos finais. Uma pequena parcela do produto é transportada até o Porto diretamente por caminhões, sendo que grande parte do açúcar é movimentada pelos terminais ferroviários de Uberaba (MG) e Guará (SP) e uma fração menor para os terminais de Fernandópolis (SP), Pradópolis (SP), São José (SP) e Iturama (MG). Para se ter uma ideia do volume de cargas transportado, a BP Bunge descarregou no Porto de Santos na safra 2020/21 cerca de 1,2 milhão de toneladas de açúcar e, 1,3 e 1,5 milhão de toneladas nas safras 2021/22 e 2022/23, respectivamente.

Ainda no que se refere à fabricação de açúcar pelo Grupo BP Bunge, identifica-se uma produção orientada por interesses externos (Mapa 2) e produtora de fluxos extravertidos – a China mais uma vez figura como importante mercado para a *commodity*, seguida por países como Índia e EUA, situação que revela mais uma vez a posição subordinada do Brasil no sistema mundial.

Mapa 2 – Países compradores de açúcar do Grupo BP Bunge – Safra 2020/21



Fonte: elaborado pelo autor.

O Grupo BP Bunge exportou açúcar para 23 países na safra 2020/21, alcançando quatro dos seis continentes do mundo, sendo a China o maior comprador, com cerca de 400 mil toneladas de açúcar. Outros países também figuram como importantes destinos das exportações de açúcar do Grupo BP Bunge, como a Índia (quase 236 mil toneladas), os Estados Unidos (mais de 177 mil toneladas), Argélia (151,1 mil toneladas), além de Malásia e Bangladesh, com 131,4 e 130,7 mil toneladas, respectivamente. O continente asiático é o que mais recebe açúcar proveniente à BP Bunge (cerca de 62%), totalizando 989,5 mil toneladas, seguidos pelos continentes africano (320,4 mil toneladas), americano (235,8 mil toneladas) e, por fim, o europeu com cerca de 52,2 mil toneladas (BP Bunge, 2022).

Tal questão pode ser identificada com o que Pereira (2010, p. 353) indica como resultado de “um planejamento que operacionaliza formas e funções territoriais no mais das

vezes estranhas e que não suprem as necessidades cotidianas da sociedade”, revelando aquilo que Santos e Silveira (2020) reconhecem como lógicas extravertidas de uso do território. É neste contexto que “regiões” e eixos produtivos que convergem para o exterior (Castillo, 2005) são estabelecidos pela empresa no território nacional.

Evidencia-se, nos lugares acionados pelo Grupo BP Bunge, uma lógica atrelada não somente à “ampliação da produção desnecessária e da circulação e do intercâmbio desnecessários, mas também da ampliação e do aprofundamento de uma divisão do trabalho desnecessária” (Santos; Silveira, 2020, p. 298). Tal processo se torna mais evidente dentre os espaços em que as atividades do grupo são capazes de orientar o processo econômico produtivo de modo a tornar o território municipal especializado, circunstância de alguns municípios em que unidades sucroenergéticas da BP Bunge estão instaladas, sobretudo no estado de São Paulo e na região do Triângulo Mineiro.

Tal situação é intensificada com o processo de globalização, sobretudo pela narrativa de que “sem exportar é impossível modernizar-se e participar plenamente” (Santos; Silveira, 2020, p. 298). O que ocorre é a ascensão de uma razão econômica, sendo a divisão do trabalho coordenada por interesses corporativos e estranhos aos lugares, não incorporando o proveito social (Santos; Silveira, 2020). Os autores ainda destacam que esta disposição em priorizar a produção desnecessária mirando a exportação, engendra intercâmbios desnecessários, e para tanto, introduzem objetos técnicos no território para a organização da produção para fora, aprofundando ainda mais a divisão internacional do trabalho (Santos; Silveira, 2020).

A ORIGINAÇÃO POR TERCEIROS NA EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR COMO ESTRATÉGIA DIFERENCIADA E COMPLEMENTAR DE ACUMULAÇÃO

Embora os números apresentados configurem como significativos na exportação de açúcar, o Grupo BP Bunge ainda utiliza da estratégia de “originação por terceiros²”, isto é, a compra para posterior comercialização de açúcar produzido por outros grupos, produção esta que a BP Bunge direciona ao exterior (agregando-a a seus números de exportação). Esta é a forma de aproveitar as expertises de exportação de *commodities*, além de seu planejamento logístico, para viabilizar um movimento de exportação a partir da produção de grupos menores (em geral grupos isolados e de pequeno porte).

Para se ter uma ideia do volume movimentado por esta estratégia de comercialização, na safra 2020/2021, a BP Bunge comprou sete outras usinas do setor sucroenergético um total de 245 mil toneladas de açúcar, conforme aponta a tabela 1. Tal estratégia revela o potencial de um grande grupo e as facilidades de sua inserção internacional (aproveitando-se absolutamente da experiência da Bunge como *trading* global), para o movimento e comercialização da *commodity* açúcar produzida por grupos menores no país, que provavelmente encontram alguma dificuldade em realizar a exportação da produção.

Tabela 1 – Quantidade de açúcar comprada e revendida pelo Grupo BP Bunge – safra 2020/2021

Usinas Sucroenergéticas	Município (UF)	Quantidade comprada (t.)
Batatais	Batatais (SP)	50.000
Guaira	Guaira (SP)	48.000
Vale do Tijuco (CMAA)	Uberaba (MG)	40.000
Canápolis (CMAA)	Canápolis (MG)	40.000
Aroeira	Tupaciguara (MG)	30.000
Lins	Lins (SP)	22.000
Branco Peres	Adamantina (SP)	15.000
Total	-----	245.000

Fonte: BP Bunge (2022). Org. do autor, 2022.

² O termo “originação” tem origem nas empresas de *trading* onde costuma designar as atividades e processos relativos à compra doméstica de produto de vários fornecedores para formação de lotes para exportação (Reydon; Postal, 2016, p. 211).

Em seu primeiro ano de operação, a BP Bunge comprou e revendeu 245 mil toneladas de açúcar, algo que corresponde a 17% do volume total comercializado pelo grupo. Embora seja um percentual inferior quando comparado com a sua fabricação, o grupo considera esta operação como estratégica para aumentar sua lucratividade, indicando uma tendência de aumento para as próximas safras. Tal situação não fora possível na safra 2021/22, sobretudo em virtude da quebra da safra, ocasionada, principalmente, pelos eventos extremos climáticos, o que permitiu a compra de apenas 224 mil toneladas, queda de 8,6% comparada com a safra anterior. No entanto, para a safra 2022/23, os contratos já firmados pelo grupo ainda no início da safra, superam os números dos anos anteriores (Tabela 2).

Tabela 2 - Quantidade de açúcar comprada e revendida pelo Grupo BP Bunge – safra 2022/23

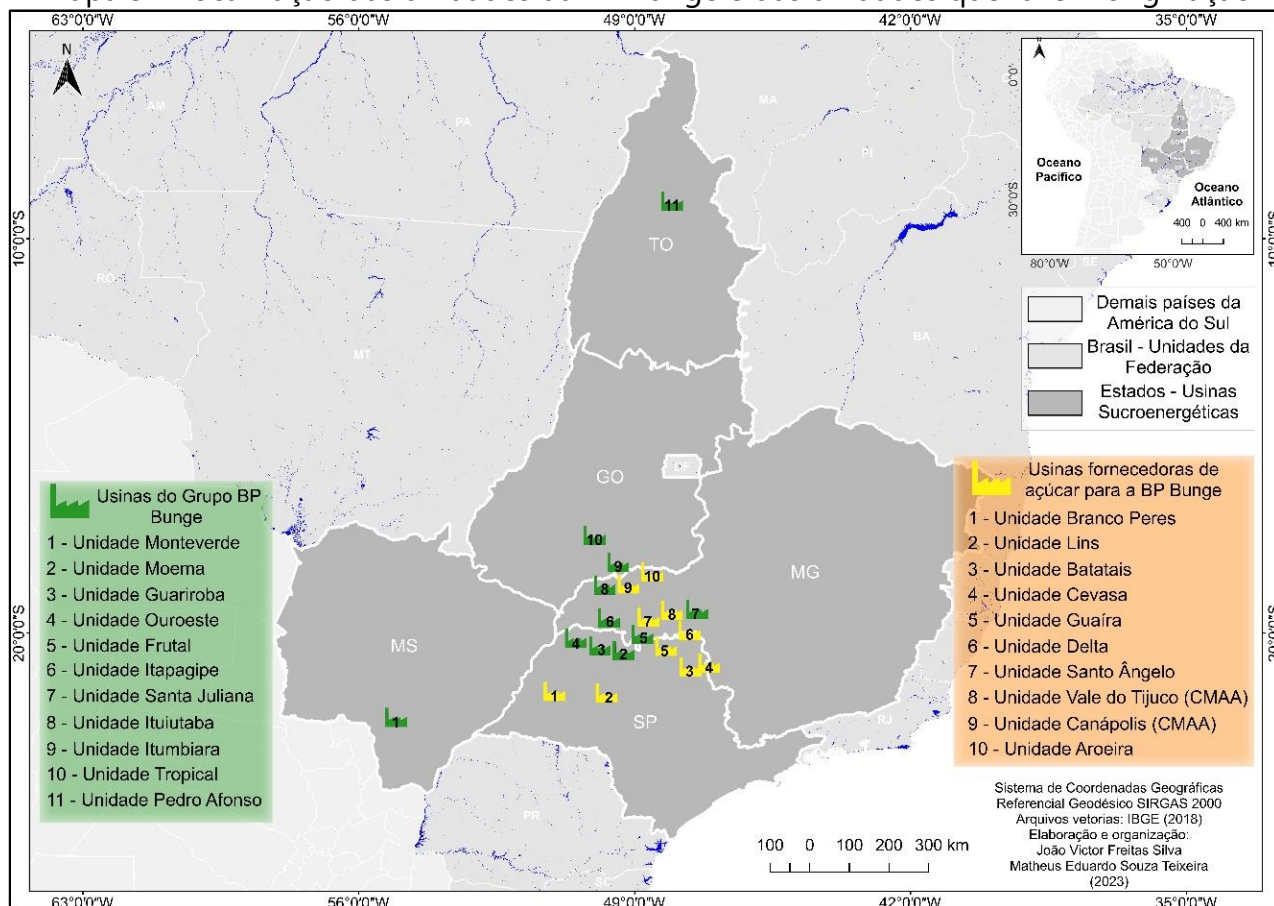
Usinas Sucroenergéticas	Município (UF)	Quantidade comprada (t.)
Santo Ângelo	Pirajuba (MG)	100.000
Delta	Delta (MG)	70.000
Cevasa	Patrocínio Paulista (SP)	50.000
Vale do Tijuco (CMAA)	Uberaba (MG)	40.000
Canápolis (CMAA)	Canápolis (MG)	40.000
Batatais	Batatais (SP)	30.000
Lins	Lins (SP)	30.000
Total	-----	360.000

Fonte: BP Bunge (2022). Org. do autor, 2022.

Com os contratos firmados ainda no início da safra 2022/23, a quantidade de açúcar originado por terceiros aumenta cerca de 46% em relação ao primeiro ano das atividades da BP Bunge, comercializando, no total, 360 mil toneladas de açúcar – a quantidade pode ainda aumentar ao longo da safra, mediante novos contratos.

É importante destacar que o grupo aproveita de seu maior alcance logístico, bem como de seu poder de barganha e de melhor atuação de escoamento para angariar açúcar da produção de terceiros, quase sempre usinas próximas a unidades da BP Bunge (Mapa 3).

Mapa 3 - Localização das unidades da BP Bunge e das unidades que fazem originação



Fonte: elaborado pelo autor.

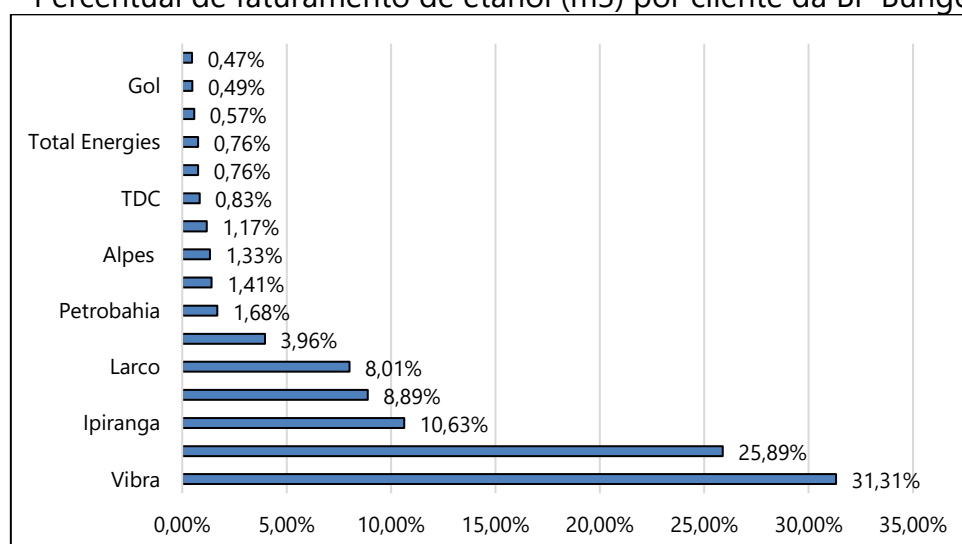
Como se observa nas duas últimas tabelas, os agentes parceiros da BP Bunge em tal tipo de negócio são em geral usinas pequenas (duas exceções talvez sejam os Grupos Delta e a CMAA), todas localizadas no Centro-Sul do país, principal área produtora do setor sucroenergético e melhor equipada em infraestrutura rodoviária. A proximidade destes agentes com as próprias unidades produtoras de açúcar da BP Bunge figura como uma verdadeira condição, haja vista que os custos com o transporte podem tornar menores ou mesmo inviabilizar os lucros, seja o dos terceiros, seja o da própria BP Bunge. Uma rede mais bem preparada de rodovias vicinais acaba por viabilizar tal tipo de negócio, cujo transporte é necessariamente rodoviário.

MERCADO E LOGÍSTICA DO ETANOL

Para além da produção de açúcar, a BP Bunge também produz etanol e bagaço de cana, este último um subproduto tornado de certo modo estratégico, tendo em vista a cogeração de energia elétrica, que reforça o caráter da cana como *flex crop*. No entanto, a produção de etanol é quase que na sua totalidade voltada para o mercado interno e a de bagaço de cana para a produção de energia – que abastece as próprias unidades, sendo o excedente comercializado junto às distribuidoras. Ainda assim, cerca de 120 mil m³ de etanol foi exportado, volume que equivaleu a 8,4% da produção total do grupo na safra 2022/23.

A logística de fornecimento do etanol difere-se do açúcar no transporte dos produtos. A negociação do transporte do etanol é feita diretamente com as empresas distribuidoras, que são responsáveis por buscar o etanol e realizar a logística de abastecimento com os postos de combustíveis. Para o mercado interno, a distribuição do etanol é 100% realizada via caminhões. As distribuidoras que realizaram a aquisição do etanol da BP Bunge na safra 2022/23 foram elucidadas no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Percentual de faturamento de etanol (m3) por cliente da BP Bunge (2022/23)



Fonte: BP Bunge (2023).Org. do autor, 2023.

Mais da metade do etanol produzido pela BP Bunge é comercializado para as empresas Vibra e Raízen, cerca de 57% do total. Vale ressaltar que a Montevideo é a empresa responsável pelo braço logístico do grupo para exportar etanol, através da trading localizada na capital do Uruguai. O processo de distribuição do etanol é regulado pela ANP (Agência Nacional do Petróleo), de maneira que a retirada do produto é realizada por empresas distribuidoras cadastradas junto à ANP. As empresas, obrigatoriamente, devem conduzir o produto de acordo com as bases de distribuição primárias e secundárias, o que permite a fiscalização da qualidade, além de aproximar o etanol dos principais mercados consumidores (Camelini; Castillo, 2012).

As empresas que compram o etanol da BP Bunge, utilizam também do etanolduto para o escoamento e distribuição do produto. O etanolduto é um projeto logístico de dutos de transporte de etanol da Logum Logística S. A. (Figura 1). O referido empreendimento possui quatro empresas em sua estrutura acionária, Copersucar (30%), Raízen (30%), Petrobras (30%) e Uniduto Logística (10%) – importantes agentes no mercado de combustíveis e biocombustíveis do país (Logum, 2023).

Figura 1 - Sistema logístico do etanolduto da empresa Logum (2023)

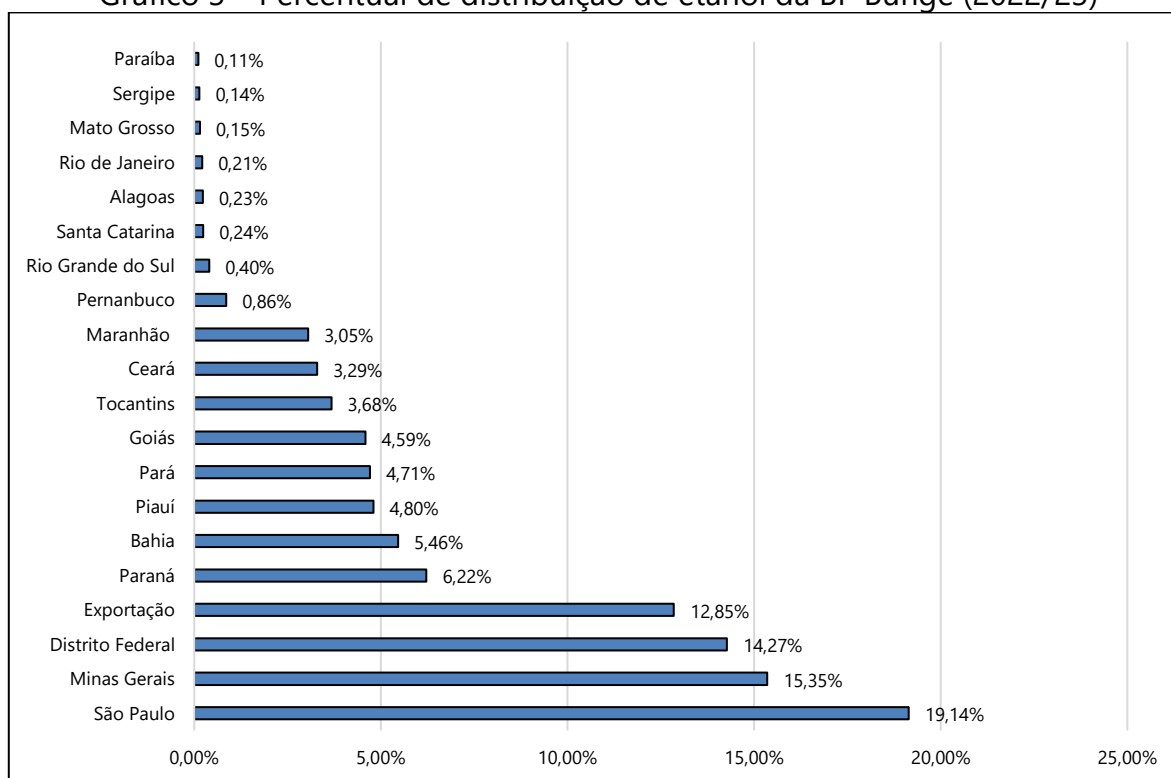


Fonte: Logum (2023).

O etanol é captado em terminais e transportado por dutos que interligam as principais regiões do país aos grandes centros de consumo do combustível, tais como as cidades de Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro (Logum, 2023). A possibilidade logística oferecida pelo etanolduto se apresenta como um importante movimento nas operações, pois além de reduzir o custo do transporte, proporciona uma redução do tráfego rodoviário.

Quanto ao movimento interno, o etanol produzido pela BP Bunge alcança 19 estados brasileiros, além de uma parte que é conduzida para exportação (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Percentual de distribuição de etanol da BP Bunge (2022/23)



Fonte: BP Bunge (2023). Org. do autor, 2023.

São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal são os estados que mais receberam etanol oriundo da BP Bunge na safra 2022/23. A logística realizada pelas empresas de distribuição leva em consideração a localização das usinas da BP Bunge, na tentativa de minimizar o máximo de distância possível no abastecimento do mercado interno, o que rende ao grupo maiores lucros.

O *Cluster* Sul é delimitado por três unidades em São Paulo e uma em Mato Grosso do Sul, cuja a distribuição do etanol somente em São Paulo alcança 57,34% da produção do cluster, seguido pelo estado do Paraná, com 23,31% - a produção de etanol da unidade inserida no Mato Grosso do Sul foi direcionada para exportação (13,2% do *cluster*).

Metade do etanol produzido no *Cluster* Centro é distribuído em Minas Gerais (50,81%), estado que abriga as quatro unidades do *cluster*, 36,96% foi direcionado para exportação, via Montevideo, e cerca de 10% para o estado de São Paulo.

A distribuição do etanol do *Cluster* Norte é a mais difundida geograficamente, até mesmo pela distância geográfica entre as duas usinas de Goiás e a de Tocantins. Principalmente pelo escoamento da produção das unidades inseridas em Goiás, o Distrito Federal é o que abarca a maior parcela do etanol produzido pelo *cluster*, com 29,28%, unidades que também distribuem 9,55% do etanol para Goiás. O restante é praticamente todo fornecido pela unidade inserida em Tocantins, abastecendo estados como Piauí (9,98%), Bahia (9,24%), Pará (9,79%) e Ceará (6,85%) (BP Bunge, 2023).

COGERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

A cogeração de energia através da queima do bagaço de cana desempenha um papel importante para o Grupo BP Bunge, sobretudo por configurar uma alternativa de capitalizar ainda mais sua produção, utilizando parte para a manutenção das atividades da usina e, o excedente, comercializado. A comercialização da energia elétrica é feita para uma concessionária e é integrada ao Sistema Interligado Nacional (SIN), em alguns casos, a usina precisa pagar uma taxa por usar a linha de transmissão.

Atualmente, a BP Bunge tem a capacidade de produzir toda a energia para o consumo de suas onze unidades e, ainda, gerar excedente de 1,3 milhão MWh para o sistema elétrico brasileiro, o que poderia atender cerca de três milhões de pessoas por um ano. Em sua primeira safra, 2020/21, o grupo atingiu cerca de 95% da capacidade máxima a ser exportada, o que, de acordo com a BP Bunge (2022), seria o suficiente para o abastecimento

residencial do estado de Sergipe por um ano. Na safra seguinte, até mesmo em função de adversidades climáticas ocorridas no ano, sobretudo no Centro-Sul, a cogeração de energia excedente foi cerca de 76,4% de sua capacidade máxima (BP Bunge, 2022).

Nas duas primeiras safras do Grupo BP Bunge, dez unidades comercializaram energia elétrica. Somente a unidade de Itapagipe não efetuou esta operação, realizando somente a produção para seu abastecimento. O bagaço excedente desta unidade é direcionado para outra usina do grupo, seguindo a estratégia de necessidade e localização, esta operação é chamada de transação *intercompany*, isto é, operação entre empresas do mesmo grupo – nas duas primeiras safras da unidade, o bagaço não utilizado foi direcionado para a unidade sucroenergética de Ituiutaba (BP Bunge, 2022).

A cogeração de energia tornou-se uma alternativa lucrativa para o grupo, que busca, em seu portfólio, a aquisição também de bagaço de cana oriundo de outras usinas, especialmente as de menores portes e próximas às suas unidades, ou até mesmo de empresas fornecedoras. Assim, o grupo aproveita da expertise de compra, logística e competitividade, para aquisição de bagaço (Tabela 3), potencializando seus rendimentos.

Tabela 3 - Quantidade de bagaço de cana comprado pela BP Bunge (safra 2022/23)

Unidade Receptora	Fornecedor	Tonelada
Ituiutaba	CQ Transportes	989
Monte Verde	Usina Fátima do Sul	15.971
Moema	CQ Transportes	6.181
Santa Juliana	Usina Cerradão	4.392

Fonte: BP Bunge (2023). Org. do autor, 2023.

Somente na safra 2022/23 o Grupo BP Bunge realizou a aquisição de 27.533 toneladas de bagaço de cana-de-açúcar. Esse tipo de operação é visto como uma oportunidade de mercado para a empresa, que manifesta o interesse pela compra desse produto na medida em que alguma unidade demande, ou também visando oportunidade de comercialização deste produto. Desta maneira, o bagaço de cana não é totalmente utilizado para a cogeração

de energia. O grupo também realiza a venda desse produto para outras empresas, sobretudo para a fabricação de ração e para abastecimento das caldeiras (Tabela 4).

Tabela 4 – Contratos firmados para a venda de bagaço de cana na safra 2023/24

Unidade Fornecedora	Cliente	Tonelada
Frutal	SP Queiroz	5.099
Frutal	Paulo H. Queiroz	5.000
Frutal	Marcelo Salomão	1.000
Frutal	Lauriston Souza Neto	5.000
Frutal	José Barnabé	2.000
Frutal	Ademir Ferreira de Mello	3.000
Itapagipe	Cutrale	36.000
Itapagipe	Luciano Moraes	2.000
Itapagipe	Jomini	5.000
Ituiutaba	Caramuru	16.942
Ituiutaba	JBS S.A.	6.000
Tropical	Votorantim	74
Tropical	Goiás Rações	10.509
Tropical	Goiás Rações (bagaço velho)	4.800
Tropical	Cargill Agrícola S.A.	25.000
Tropical	Brejeiro	5.064
Pedro Afonso	Belarmino Prado de Sousa	9
Ouroeste	Czarnikow	15.000
Ouroeste	Brejeiro	8.500
Ouroeste	Jomini	20.000
Ouroeste	Vitorino	500
Guariroba	Vitorino	500
Guariroba	Central Sales	1.000
Total	-----	174.996

Fonte: BP Bunge (2023). Org. do autor, 2023.

Para a safra 2023/24 a BP Bunge firmou diversos contratos de venda de bagaço de cana, alcançando quase 180 mil toneladas. Esse esquema de venda direta de bagaço de cana é também uma oportunidade que o grupo realiza no intuito de aumentar a margem de lucro em suas operações. Vale ressaltar que, nesta operação, a BP Bunge se isenta de realizar o transporte da carga, ficando à empresa compradora o encargo desse procedimento logístico, que normalmente é realizado por uma terceirizada (BP Bunge, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso corporativo do território pelas empresas, especialmente as firmas e grupos gigantes, como aqui avaliada, é constantemente atualizado e marca a formação territorial brasileira, fortalecendo-se nos dias atuais, sobretudo quando se trata da produção agrícola, que é progressivamente mais racionalizada e especializada neste período de globalização.

A divisão territorial do trabalho estabelecida no interior da corporação é reveladora do poder da empresa ao controlar uma produção complexa, em extensas porções do território e mobilizando um contingente importante de trabalhadores. Tal poder, próprio dos agentes multinacionais, é de certo modo ampliado e multiplicado, seja pela estratégia de diversificação dos negócios no interior do próprio setor, explorando o caráter de *flex crop* da cana-de-açúcar, por exemplo, com a produção e comercialização de energia elétrica, mas também em estratégias inovadoras, como é o caso da comercialização e exportação da produção de açúcar por terceiros (originação por terceiros). Trata-se, portanto, de uma acumulação potencializada, permitida pelas condições de uma estrutura logística robusta, permeada pelas inovações da técnica e de um conjunto de expertises acumuladas.

As estratégias elaboradas pela BP Bunge no âmbito logístico estão condicionadas no sentido de potencializar lucros diante de uma ação coordenada no território que permite uma maior atuação do grupo, especialmente se tratando da aquisição de açúcar de outros grupos do setor sucroenergético – produto quase todo voltado para exportação.

É importante mencionar que a produção do Grupo BP Bunge é diretamente associada com o mercado, sendo o *mix* de operações das unidades sucroenergéticas ajustado de acordo com as vantagens comerciais, isto é, avaliando a produção mais lucrativa para cada momento, regulando o percentual de produção de açúcar e etanol quase que diariamente.

Vale ressaltar que o Grupo BP Bunge aproveita-se do processo em curso de digitalização da produção agrícola, com a “Agricultura 4.0”, bem como no industrial, denominada “Usina 4.0”. Tal expressão também alcança o sistema logístico do grupo, e a conexão permitida pela chamado SmartLog da empresa, permite o acompanhamento de

um conjunto de processos da empresa, seja no campo ou na indústria e, ainda, monitora em tempo real os movimentos estabelecidos para a produção (transporte de açúcar, quantidade de vagões ocupados, quantidade de vagões em circulação, local exato dos trens carregados com o produto e o momento exato de chegada para o descarregamento no porto). O grupo aposta nesse movimento, em que o princípio básico é a otimização das operações, o que resulta em uma forma de alavancar os índices de produção e escoamento.

Em que pese a logística ser considerada um mecanismo importante de aumentar suas operações e lucros, ao meu ver, essa ação não é o suficiente para ganhos expressivos em suas operações. Como mencionado anteriormente, a logística é uma das estratégias adotadas pelo Grupo BP Bunge Bioenergia como forma potencializar seus lucros, no entanto, não figura como a única. Ainda assim, o setor sucroenergético vivencia um momento de instabilidade, com baixa lucratividade ou, em alguns casos, apresentando uma estagnação que resulta em fechamento ou saída de alguns grupos do setor. A própria Bunge, recentemente, anuncia sua retirada do setor sucroenergético brasileiro, vendendo sua participação na *joint venture* para a BP, que a partir de outubro de 2024 controlará integralmente o capital do grupo.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa que originou este artigo foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

BP BUNGE. Relatório de Sustentabilidade. 2022. Disponível em: <https://bpbunge.com.br/relatorio-de-sustentabilidade/>. Acesso em: 15 out. 2023.

BP BUNGE. Relatório de Sustentabilidade. 2023. Disponível em: <https://bpbunge.com.br/relatorio-de-sustentabilidade/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BUENO, M. S. Análise da cadeia logística de exportação de açúcar. 2012. Disponível em: <https://esalqlog.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/2015/05/Analise-da-cadeia-logistica-deexportacao-de-acucar-BUENO-M.-S..pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

CAMELINI, J. H.; CASTILLO, R. A. Etanol e Uso Corporativo do Território. *Revista Mercator*, v. 11, n. 25, p. 7-18, mai./ago. 2012. Disponível em:

<https://doi.org/10.4215/RM2012.1125.0001>. Acesso em: 09 dez. 2021.

CASTILLO, R. Exportar alimentos é a saída para o Brasil? O caso do complexo soja. In: ALBUQUERQUE, E. S. de (org.). *Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo*. São Paulo: Globo, 2005. p. 283-307.

CASTILLO, R. Transporte e logística de granéis sólidos agrícolas: componentes estruturais do novo sistema de movimentos do território brasileiro. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía*, n. 55, 2004, p. 79-96. Disponível em:

<https://www.scielo.org.mx/pdf/igeo/n55/n55a6.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

LOGUM. Sistema logístico de etanol. 2023. Disponível em:

<http://www.logum.com.br/php/o-sistema-logum.php>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PEREIRA, M. F. V. A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais e perspectivas em tempos de globalização. *Sociedade & Natureza*, 22 (2): 347-355, ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000200009>. Acesso em: 10 nov. 2021.

REYDON, B.; POSTAL, A. M. Agronegócio sucroenergético: acesso à terra ou acesso à cana? Os diferentes modelos de negócios e seus impactos na gestão empresarial. In: BÜHLER, E. A.; GUIBERT, M.; OLIVEIRA, W. L. (org.). *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 193-216.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TEIXEIRA, M. E. S. Inserção e instabilidade do capital internacional no setor sucroenergético brasileiro: uso corporativo e estratégias territoriais do Grupo BP Bunge Bioenergia. 2024. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.108>. Acesso em: 17 jun. 2024.

VIDAL, M. de F. Açúcar: cenário mundial e situação de produção no Brasil e no nordeste brasileiro. *Caderno Setorial ETENE*. 2022. Disponível em:

<https://www.bnb.gov.br/revista/cse/article/view/2785/1885>. Acesso em: 20 dez. 2023.